



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LINGUA INGLESA**

SURAMA ROCHA SILVA

**A CONDIÇÃO E IDENTIDADE FEMININA NA OBRA
THE YELLOW WALLPAPER
DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

**CAMPINA GRANDE
2019**

SURAMA ROCHA SILVA

**A CONDIÇÃO E IDENTIDADE FEMININA NA OBRA
THE YELLOW WALLPAPER
DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Artes da
Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB)
como requisito parcial
à obtenção do título de Licenciatura Plena do
curso de Letras – Habilitação em Língua
Inglês..

Orientador: Professora Me. Iá Niani Belo Maia

CAMPINA GRANDE
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Surama Rocha.
A condição e identidade feminina na obra the Yellow Wallpaper de Charlotte Perkins Gilman [manuscrito] / Surama Rocha Silva. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Iá Niani Belo Maia , Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Personagem feminina. 2. Identidade feminina . 3. Literatura Norte Americana. 4. Mulheres na literatura. I. Título
21. ed. CDD 401.41

Por toda uma vida de incentivos, ensinamentos e dedicação, sempre apostando na minha formação e no meu crescimento profissional, dedico este trabalho aos meus pais Aginaldo Gomes e Maria das Neves (in memoriam).

“Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.”

(Simone de Beauvoir)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ALTERIDADE FEMININA EM <i>THE YELLOW WALLPAPER</i>.....	12
1.1 Apresentação do Corpus	12
1.2 Dados biográficos da autora	12
1.3 Desenvolvimento da obra	13
2 CONCEITOS E VISÕES SOBRE IDENTIDADE E LITERATURA FEMININA	15
2.1 A Literatura e o Gênero Feminino	16
2.2 A condição da mulher no Século XIX	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXO.....	24

**A CONDIÇÃO E IDENTIDADE FEMININA NA OBRA
THE YELLOW WALLPAPER
DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN**

Surama Rocha Silva¹

RESUMO

Ao longo dos anos, a figura feminina vem sendo posta em questão na literatura, por isso o presente trabalho busca perfilar a condição e identidade feminina das mulheres norte-americanas tomando como parâmetro a mulher do século XIX, representada na obra de Charlotte Perkins Gilman, *The Yellow Wallpaper*, onde recaía sobre a mulher uma forte carga de pressão acerca do comportamento pessoal e familiar. O desejado é que esse comportamento correspondesse ao esperado pelas classes dominantes, ou seja, pelo patriarcado. Assim, a mulher deveria ser disciplinada. Esse pensamento estava respaldado na ciência e na medicina social, que assegurava às mulheres qualidades como: fragilidade, recato, predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a vocação maternal. Enquanto ao homem era atribuída a força física, natureza autoritária, empreendedora, racional, sexualidade sem freios. Tal pensamento justificava que se esperasse das representantes do sexo feminino atitudes de submissão e um comportamento que não maculasse sua honra. Charlotte Perkins Gilman baseou sua história em sua própria experiência com um médico que a tratou por um distúrbio nervoso, de acordo com um artigo que ela mesma escreveu para a edição de outubro de 1913, *The Forerunner* no qual ela justifica a escrita de sua obra. Nessa apreciação, refletimos sobre como a identidade feminina é forjada historicamente e sobre o papel da literatura na construção de uma identidade de mulher livre. A partir de uma análise de interação de discursos, observaremos como a escrita feminina torna-se um meio de transgressão aos valores impostos pelos mecanismos de controle paternalistas, apresentando a literatura como reflexo da experiência humana e apontando abordagens acerca das questões de gênero representadas na literatura de ficção.

Palavras-chave: Personagem feminina; Identidade feminina ; Literatura.

ABSTRACT

Over the years, women's position has been questioned in the literature, so this paper seeks to profile the female condition and female identity of American women taking as parameter the woman of the nineteenth century, represented in the work of Charlotte Perkins Gilman, *the Yellow Wallpaper*, which falls on the woman strong pressure load on the personal and family behavior. The desired is that this corresponds to the behavior expected by the ruling classes, that means by patriarchy. So the woman should be disciplined. That thought was backed in science and social medicine, which guaranteed women qualities as brittleness, modesty, predominance of affective faculties of the intellectual, the maternal vocation. While the man was given physical strength, authoritarian nature, enterprising, rational, sexuality without

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Língua Inglesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I.
Email: suramarochasilvas@gmail.com

brakes. Such thinking it justified that expected of female representatives submission attitudes and behavior that should not defile her honor. Charlotte Perkins Gilman based his story on his own experience with a doctor who treated her for a nervous disorder, according to an article that she wrote for the edition of October 1913, *The Forerunner* in which she justifies the writing of his work. In this assessment, we reflect on how the female identity is forged historically and the role of literature in the construction of a free woman identity. From a interdiscursive analysis, we look at how women's writing becomes a means of transgressing the values imposed by paternalistic control mechanisms, presenting literature as a reflection of human experience and pointing conceptions about gender issues represented in fiction literature.

Keywords: Women; female character; female identity; Literature

INTRODUÇÃO

A opressão contra a mulher, ao longo da história, vem ocorrendo de maneira devastadora; tanto que, muitas vezes, a imaginação funciona para o sujeito feminino como válvula de escape da opressão sofrida socialmente pelo patriarcado. Desta forma, tendo como base os pressupostos de uma época na qual os conflitos socioculturais da mulher eram silenciados, a presente pesquisa procura entender a condição da mulher no século XIX e os efeitos dessa condição no contexto atual.

Desse modo, é necessário buscar analisar a maneira pela qual a literatura abre espaço para questionar o que as mulheres querem ser, procurando explorar como se daria essa relação entre literatura e escrita feminina, para evidenciar a literatura como mecanismo de imaginação e denúncia – muitas vezes velada – da condição da mulher. Em suma, o que estará sendo evidenciado nessa discussão é a sujeição e a inferioridade das mulheres no contexto histórico da obra (século XIX) em contraposição ao âmbito da modernidade tardia em que vivemos, ainda caracterizada como um sistema de relações desiguais e carregada de silenciamento feminino.

Em toda pesquisa há uma motivação e, com isso, uma relação do/a pesquisador/a com o tema, ao menos, uma relação de desejo de conhecimento e busca de respostas sobre um assunto pelo qual ele/a se interessa em pesquisar. Assim, quando iniciei minha trajetória acadêmica no ano de 2010, no curso de Licenciatura em Letras com Habilitação para Língua Inglesa, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), me deparei com temas e formas de pesquisa com os quais me identifiquei, como, por exemplo, o componente curricular de Literatura e Escrita Feminina na língua inglesa (período 2012.2), no qual tive meu primeiro contato com a obra de Gilman, *The Yellow wallpaper*, e sobre o qual tive que apresentar um seminário para avaliação acadêmica. Assim, acabei desenvolvendo este trabalho de conclusão de curso com esse foco.

Como no mesmo período comecei também a me envolver de forma mais efetiva com as questões feministas, senti o desejo de unir esses três âmbitos (condição feminina na história, literatura e identidade feminina) em um mesmo trabalho. E foi pesquisando sobre o trabalho de mulheres escritoras (romancistas, poetisas e cronistas dos séculos XIX e XX), sobre suas histórias de vida e forma de reconhecimento, que elegi Charlotte Perkins Gilman em sua obra “O papel de parede amarelo” e escrevi, neste texto acadêmico, sobre como essas senhoras conseguiram, por meio da escrita, retratar a importância cultural (e mesmo a independência financeira) do ser feminino e promoveram mudanças reais na vida delas.

No tocante ao século XXI, é possível afirmar que a mulher ainda tende a abdicar de seus desejos em favor de ideologias impostas por uma sociedade castradora e misógina, o que nos faz refletir por que a sociedade atual ainda continua a querer que uma mulher se adeque a essas regras. Nesse sentido, é de suma importância desenvolver uma pesquisa que analise os elementos mencionados acima e, para tanto, pontuamos os seguintes objetivos para a presente pesquisa:

Objetivo Geral

Analisar alguns aspectos da condição e construção da identidade feminina no século XIX através da obra *The Yellow Wallpaper* de Charlotte Perkins Gilman.

Objetivos Específicos

- a) Mostrar como as buscas pela liberdade e por uma identidade feminina ganharam voz na escrita de Charlotte P. Gilman, retratadas através do dualismo entre os sexos e o questionamento às fronteiras entre o homem e a mulher, e entre o eu e o outro dentro da obra literária.
- b) Analisar, através de fragmentos selecionados, a busca do autoconhecimento das mulheres diante de uma sociedade que se revela tradicionalmente androcêntrica e encarceradora.

1 ALTERIDADE FEMININA EM *THE YELLOW WALLPAPER*

1.1 Apresentação do Corpus

Para melhor realizar este trabalho, adotamos uma pesquisa do tipo bibliográfica. De modo a dar relevância à consciência da importância da mulher, de acordo com seu olhar e experiências diferenciados, apresentamos dados sobre a autora Charlotte Perkins Gilman, sua trajetória de vida e o resgate da força feminina na função de escritora. Ademais, um resumo da obra, para melhor situar o leitor sobre o conto de Gilman e as construções culturais do sujeito de gênero (masculino/feminino), através da representação simbólica existente no imaginário da sociedade patriarcal ocidental, bem como o entendimento dos papéis de cada um e da sua respectiva aceitação (e discordância) no ambiente social mantido sob o legado de uma organização hierárquica baseada no patriarcalismo, especialmente em território norte-americano, revelando ao longo da história, o padrão do papel de parede amarelo como uma metáfora para os padrões da sociedade, e levando em consideração os conceitos de Identidade cultural na pós-modernidade.

1.2 Dados biográficos da autora

Charlotte Perkins Gilman foi uma escritora e grande intelectual nascida no século XIX e suas obras foram consideradas inspiradoras e de grande influência para o movimento feminista. Nascida em 1860, em Connecticut, nos Estados Unidos, a autora teve uma infância marcada pela ausência do pai, que abandonou a família quando Gilman tinha cerca de seis anos de idade. Ela se casou em 1884 e teve uma filha, porém sofreu uma séria depressão pós-parto, e devido a infelicidade no casamento, se separou do marido em 1888, um ato pouco comum e mesmo de coragem para a época. O divórcio foi concedido em 1894 e, em um gesto ainda menos comum e de maior ousadia, ela entregou a filha aos cuidados do ex-marido e sua nova mulher. Gilman foi bastante mal vista pela sociedade, e teve que enfrentar várias dificuldades para publicar seus escritos e expor suas ideias e conceitos.

Na passagem do século 19 para o 20, publicou diversos estudos sobre a condição social e econômica das mulheres. Uma de suas obras mais famosas foi, *Women and Economics*, de 1898, sendo esta obra adotada em universidades, traduzida em diversos idiomas e ficou conhecida como um dos marcos da luta pela igualdade de gêneros.

Mesmo enfrentando dificuldades, Gilman teve uma extensa carreira como romancista, e suas obras incluem livros de ficção e de não-ficção, contos e poemas. Ela também dava palestras como meio para sobreviver e, embora sua causa principal fosse rever o papel da mulher na sociedade, ela também era defensora de outras causas, como o fim do capitalismo e da distinção de classes. Chegou inclusive a criticar as ideias de Darwin segundo a Teoria da Evolução, onde na sua visão, tal teoria precisaria ser reformulada, uma vez que apresentava apenas o papel do homem no processo evolutivo, ignorando o papel da mulher.

Em 1892, quando a americana Charlotte tinha 32 anos, uma das obras mais propagadas da autora, *The Yellow Wallpaper* (O Papel de parede Amarelo) foi escrita. O livro possuía aspectos autobiográficos, uma vez que a personagem principal da trama, assim como a autora em sua vida real, sofreu de depressão e fadiga e não se adaptou ao papel de mãe e esposa vigentes na época.

Tanto esta obra, como outros textos da autora, costumavam ser publicados em antologias de mistério, que realçavam seu aspecto “conto de terror” e ignoravam o argumento feminista. Em seu conto *The Yellow Wallpaper*, Gilman focalizou a condição feminina no século XIX, expondo de um ponto de vista diferenciado os fatores sociais, não utilizando

unicamente a visão patriarcal dominante e tradicionalmente esperada, mas fazendo uso também da visão feminina, ao considerar seu papel dentro de um espaço histórico.

Após construir sua carreira como escritora e também professora, Gilman suicidou-se aos 75 anos de idade em 1935, após descobrir ter câncer. Contudo, a importância dos seus contos e de outras escritas para a literatura feminista americana foram revividas nos anos de 1970, devido a fortificação do movimento feminista nos Estados Unidos.

No Brasil, o nome da autora ainda era pouco conhecido, porém a situação começou a mudar com a publicação, pela editora José Olympio, de *O papel de parede amarelo*, agora em língua portuguesa. Uma obra curta, porém, profunda, que retrata a opressão da mulher pela sociedade e a ciência dos homens.

1.3 Desenvolvimento da obra

The Yellow Wallpaper (O papel de parede amarelo) é um conto escrito por Charlotte Perkins Gilman, publicado originalmente em 1892. A obra apresenta um conteúdo relativamente polêmico, visto que naquela época, escrever sobre pessoas perturbadas mentalmente era considerado algo bastante perigoso. O livro está versado sobre uma narrativa em primeira pessoa, da história de uma personagem forçada ao confinamento, por seu marido que é médico, e que pretende curá-la de uma depressão nervosa. Assim, a protagonista/narradora é proibida de fazer qualquer esforço físico e mental, ficando obcecada pela estampa do papel de parede que reveste o quarto onde ela está alojada e retida, enlouquecendo de vez.

A trama da obra foi inspirada em experiências da própria autora, como dito anteriormente, que nos anos 1880 passou por um tratamento psiquiátrico semelhante ao de sua personagem, prescrito pelo renomado “médico dos nervos” S. Weir Mitchell que, na época, fazia uso do “*rest cure*”(cura através do pleno repouso). Gilman comentou sobre esse episódio de sua vida na carta de justificativa, “*Why I wrote The Yellow Wallpaper*” (Porque escrevi O Papel de parede amarelo).

Durante o terceiro ano desse problema, fui com fé devota e com uma leve agitação de esperança, a um notável especialista em doenças nervosas, o mais conhecido do país. Este sábio homem me colocou na cama e aplicou a *rest cure*, cura do repouso, para a qual um físico muito bom respondeu tão prontamente que concluía que não havia muito problema comigo, ele me mandou para casa com um conselho solene para "viver uma vida doméstica como na medida do possível, "ter" apenas duas horas de vida intelectual por dia "e" nunca tocar em caneta, pincel ou lápis novamente "enquanto eu vivesse. Isso foi em 1887. [...] Fui para casa e obedeci a essas instruções por cerca de três meses, e cheguei tão perto da fronteira da ruína mental que eu poderia ver (GILMAN, 1913, p. 02).

The Yellow Wallpaper começa com a mudança de um casal para uma casa antiga no campo. O local é escolhido por John, o marido da personagem central da trama, um médico que acredita que sua esposa está sofrendo de uma doença de nervos passageira, sem se dar conta que, na verdade, ela sofre de uma angústia que a consome dia após dia. John decide que o casal deve se estabelecer temporariamente neste novo local, pois crê que a tranquilidade e o ar dos campos poderão auxiliar na recuperação da esposa. Ela, por sua vez, presume que está doente, mas acredita que se restabelecerá mais rápido através de trabalho adequado e do convívio social. Seu marido, porém, discorda dela, ainda assegurando aos amigos e parentes de que não há nada grave com sua esposa, que se trata apenas de uma depressão nervosa passageira e que ela deve fazer o maior repouso possível para recobrar a saúde. A esposa não gosta do quarto escolhido por John para ficar alojada e não suporta ficar observando o papel

de parede amarelo que forra aquele cômodo. Ela insiste com John para trocar de cômodo, mas o marido decide que aquele local é o mais adequado para ela.

Conforme o tempo passa, a personagem sente-se cada vez mais abatida pelos seus pensamentos e pelo estado sufocante em que se encontra. John contribui para que a esposa se sinta mais oprimida visto que ele a infantiliza, e nas poucas conversas que tem com a sua esposa trata-a como se ela fosse uma criança, usando palavras como “menina”, “pobrezinha”, “tolinha” e demonstra não levar em consideração e nem a sério os acontecimentos e os pedidos da sua mulher, que se revela insatisfeita e ao mesmo tempo inabilitada para se expressar, recorrendo a escrita como bálsamo para seus pensamentos, como na passagem que diz “ Mas que pode uma pessoa fazer? Apesar das opiniões deles, escrevi durante uns tempos. Mas, na verdade, isso acaba sempre por me fadigar bastante — ter que fazê-lo tão veladamente, ou, caso contrário, ter que enfrentar uma grande oposição”. Aqui fica evidenciado sua angústia por não poder agir nem mesmo reagir segundo sua própria vontade.

A personagem central do conto não apresenta seu nome no decorrer da obra e é apresentada apenas como a esposa de um médico, o que denota a crítica oculta da autora ao papel secundário da mulher dentro da sociedade. Essa personagem possuía um diário que ela mantinha em segredo como seu único amigo, ao qual ela poderia confiar suas preocupações, seus conflitos pessoais, suas percepções relacionadas ao próprio marido e sua condição de mulher sufocada. Aos poucos, a protagonista vai revelando ao leitor os seus pensamentos mais profundos e vai dialogando com as imagens que sua mente constrói a partir da observação incessante e quase paranoica do papel de parede amarelo.

Outra personagem feminina que aparece na obra é Jennie, irmã de John, que mostra-se como mantenedora da autoridade patriarcal que vigorava na época, e embora represente uma mulher, está ligada aos conceitos de mulher “ideal” da época, já que de acordo com a própria personagem narradora da obra, “Ela é uma dona de casa perfeita e entusiasmada, e não deseja outra profissão melhor.”, mostrando que Jennie direciona tais características para o cumprimento de ordens e decisões masculinas, especialmente as do irmão, durante o período de estadia na casa de campo ela segue atuando como governanta da casa e cuidadora da heroína/narradora.

Não tendo nada para estimulá-la, a protagonista se torna obsessiva pela textura e cor do papel de parede do quarto. Durante seus relatos, que ocorrem sob a forma de um diário, as palavras traçadas transmitem ao leitor impressões muito pessoais da narradora, o diferencial está presente na reação mostrada diante dos episódios de descontentamento da heroína, ela tenta frustradamente expor seus sentimentos, angústias e discordâncias durante a narrativa da obra, relacionados aos familiares, principalmente ao marido John, que não permite que ela saia de casa, não gosta que ela escreva, não quer que ela tenha companhia de outras pessoas, ele deseja que ela “esvazie a sua mente” e pede para que sua mulher fique repousando em um quarto, que ela julga ser um cômodo infantil devido as grades na janela, argolas presas na parede e cama fixada ao piso, onde há também o papel de parede, que é de um amarelo cansativo, desagradável e possui um padrão incompreensível para a personagem central.

Por fim, a obra alcança um momento em que o leitor é capaz de acompanhar a degradação psicológica da protagonista, que acredita que ela própria seria um ser que escapou do papel de parede que reveste o cômodo e passa a rastejar pelo quarto onde estava cativa além de rasgar o papel de parede amarelo por todo o aposento na ânsia de destruí-lo e não mais ficar aprisionada a ele. E seu esposo, embora fosse um médico e também homem das ciências da época, não controla suas próprias emoções ao ver fracassar seus métodos científicos de cura para sua esposa e o estado de degradação do aposento, bem como o estado deprimente de sua mulher, daí ele, então, acaba desmaiando em meio ao quarto.

2 CONCEITOS E VISÕES SOBRE IDENTIDADE E LITERATURA FEMININA

Através de sua obra, Gilman alerta que a mulher deve ter uma identidade, um conjunto de condições reais em que seus pensamentos possam ser não apenas desenvolvidos, mas também ouvidos. Esse espaço chega a autora por meio da literatura, tal como ocorre também com outras escritoras mulheres, como Virginia Woolf (1976), pela busca feminina de sua identidade. Nesse sentido a literatura, apesar de ser ficção, tenta trabalhar (ainda que de modo dissimulado) com a realidade, mas essa verdade vem através de discursos subliminares, de palavras ambíguas, de metáforas e outros recursos que não explicitamente estarão escritos no texto, como ressalta a escritora, Noemi Jaffe no seu texto *O Silêncio da Literatura*:

A ficção é o território do fingimento. A verdade é assunto da psicanálise, das religiões, da Ética, eventualmente de diários, cartas e afins. A literatura não fala sobre as coisas, mas permite que as coisas falem por si, criando o mundo impossível em que um funcionário pode se transformar num inseto monstruoso e em que uma mulher pode ter uma iluminação ao ver um cego mascarando chicletes. A escrita feminina é a escrita do mundo, desse mundo possuído por Virginia Woolf e por todas nós, que mergulhamos nossa linguagem no tempo e nos deixamos mergulhar por ele. Mulheres e homens e crianças, sempre nos entortando no fingimento infinito da literatura (JAFFE, 2018, p. 32).

Nessa passagem, Jaffe (2018) aponta para a linguagem dúbia e mascarada da literatura, que busca, através do disfarce e da ficção, uma verdade oculta, devido ao fato de as mulheres terem sido impedidas, por muito tempo, de publicar aquilo que achavam que queriam ou que deveriam dizer, tornando-se obrigadas a silenciar sobre muitos acontecimentos e a desenvolver técnicas para “fingir” que acabaram por desenvolver textos carregados de sutilezas, com mensagens que se transmitem às escondidas.

Para uma abordagem desse problema é necessário destacar que, por muito tempo, as mulheres lutam por igualdades e direitos. Essa busca por um reconhecimento perante a sociedade tem se intensificado ainda mais com o advento da globalização, a chamada modernidade tardia, período no qual Gilman estaria inserida, que, segundo Stuart Hall (2002), estaria passando por um momento de transformações, pois as identidades tidas como fixas, começam a passar por um processo de mudança.

Daí a necessidade de estudar o feminismo como movimento impactante enquanto um movimento social, pois que a percepção do sujeito está se tornando fragmentada, composta não de uma única identidade, mas de várias. Uma semelhante concepção pode ser percebida no discurso de David Harvey (1989, p. 12), que fala da modernidade como sendo resultado não só de “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas como caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”. Dessa maneira, as identidades, que antes compunham as paisagens sociais e que asseguravam a conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estariam entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais da sociedade.

Por isso, o próprio processo de definição da identidade estaria se tornando provisório e variável. No tópico **A Literatura e o Gênero Feminino**, observamos como Joan Scott (1990) trata sobre o gênero como uma categoria útil de análise histórica e também reportando as ideias de Bakhtin (1990) as quais apresentam a personagem como ferramenta do pensamento do autor.

Por sua vez, o tópico **A condição da mulher no século XIX**, revela as transformações sofridas pela sociedade moderna na atualidade. Lançamos nossos olhares sobre as teorias de Bransford & Stein (1984) que tratam sobre o desafio aos pressupostos e o confronto direto de ideias, opiniões ou atitudes que tenham sido previamente adquiridos em dado momento

histórico, mostrando as construções históricas do lugar do feminino na sociedade, bem como dos papéis sociais dos indivíduos que compõem a família.

Como meio de contraposição, encontramos o positivismo de Auguste Comte (COMTE, 1983, p. XIV) abordando questões específicas das sociedades humanas, na qual a mulher deveria esforçar-se para exercer uma conduta cheia de prescrições que a levaria a condição de “digna mulher”, sendo tal teoria é nomeada como ciência da “moral”.

2.1 A Literatura e o Gênero Feminino

“From Woman to Human”

A mulher, ao longo do tempo, manteve-se em silêncio, afastada de notoriedade e de reconhecimento frente à sociedade em geral. No século XIX, a escrita feminina era vista apenas como expressão de “uma sensibilidade contemplativa e exacerbada, sentimentalismo fantasioso, lampejos de histeria” (SCOTT, 1990, p.22), ou seja, como representação subjetiva da realidade em contraste com relatos objetivos, característicos da visão patriarcal. Assim, sem autonomia e sem espaço para expressar-se ao longo do tempo, a mulher, a partir do movimento feminista iniciado no século XIX e desenvolvido nos anos 1960 na América Latina, possibilitou discussões e reflexão sobre o comportamento feminino e o significado dessa relação binária entre homem e mulher.

A questão de gênero é vista como um “ato político, pois remete às relações de poder inscritas nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino”. (SCOTT, 1990, p.17). Assim, a desigualdade de oportunidades na relação de gênero sustenta as ações que constroem os grupos sociais centrados no androcentrismo, além de ter, segundo Schneider (2000), suas bases construídas em um sistema preso a diferença sexual que, por sua vez, retrata o poder desigual, a opressão e a discriminação contra as mulheres.

Na América do Norte, as publicações de mulheres escritoras, a partir do século XIX, passam a propagar a voz e o olhar feminino sobre os fatos locais e, conseqüentemente, sobre a própria mulher em meio a eventos importantes e do cotidiano. Além disso, utilizam-se da invisibilidade mantida através dos tempos como forma de “negação da legitimidade cultural da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação” (SCOTT, 1990, p.19).

Atualmente, o texto de autoria feminina retrata o ponto de vista da mulher, cuja representação encontra-se particularizada e especificada no eixo da diferença, de forma a construir a identidade de personagens que também constituem e constroem a história (e as suas próprias histórias). Nessa direção, a mulher vê-se em determinado contexto social, histórico-político e econômico que acompanhará os olhares femininos de modo mais subjetivo ou objetivo, conforme as intenções da escrita de seus textos.

O conto *The Yellow Wallpaper*, ao focalizar a condição feminina no século XIX, possibilita a exposição de um ponto de vista diferenciado sobre os fatos, não utilizando somente a visão patriarcal dominante e tradicionalmente esperada, mas também a feminina, ao considerar seu papel dentro de um espaço histórico. Gilman rompe o silêncio e desafia “a construção social tradicional do sujeito feminino” (COSTA, 2008, p. 14), à medida que há um resgate da força da mulher na função de escritora, pois reescreve a sua própria história, e, ao fazer isso, propõe uma nova tomada de consciência da importância da mulher de acordo com seu olhar e experiências diferenciadas. Visto que a própria autora passou por uma experiência bastante próxima a da personagem principal da trama, mas reinventou para si um desfecho diferente ao da protagonista de sua obra.

Por meio da personagem, cujo referencial seria o ser humano, o autor desenvolve os temas plasmados no mundo que o cerca. Segundo Bakhtin (1990), a composição, bem como as ações e o desenrolar da narrativa estariam estritamente ligados ao discurso da personagem que nada mais seria do que o conjunto de enunciados pronunciados pela heroína, baseados, muitas vezes, no próprio pensamento do autor, no próprio mundo criado pela personagem ou na realidade que está em torno da vida do autor.

As palavras dos personagens, possuindo no romance, de uma forma ou de outra, autonomia semântico-verbal, perspectiva própria, sendo palavras de outrem numa linguagem de outrem, também podem refratar as intenções do autor e, conseqüentemente, podem ser, em certa medida, a segunda linguagem do autor (BAKHTIN, 1990, p. 119).

Assim, entre tantas das mulheres de sua época, Charlotte P. Gilman ousou seguir um caminho oposto as diretrizes preestabelecidas pelo sistema patriarcal dominante para a sua trajetória de vida pessoal. Ao opor-se ao tratamento de *rest cure* e também ao deixar seu primeiro marido e sua filha, a escritora contraria as expectativas da família negando-se a manter uma instituição social e opta pela insubordinação, algo semelhante ao que ela escreve em sua obra, *The Yellow Wallpaper*, na qual a protagonista demonstra um comportamento de resistência ao domínio masculino na escrita de um diário secreto e na loucura como uma possibilidade de libertação dos padrões de obediência esperados pela família.

Tal vertente ideológica constrói um panorama subversivo possível, mesmo que de maneira subjetiva e isolada como no caso da figura de uma narradora anônima dentro da obra. Por fim, tal postura assumida frente a questões individuais e coletivas abre alternativas comportamentais da personagem principal construídas ao longo da obra, ultrapassando as fronteiras espaciais e ideológicas, especialmente no que se refere à posição feminina dentro da sociedade estadunidense, retratando posicionamentos distintos, de manutenção e também de enfrentamento, ainda que tênue, na direção de um sistema patriarcal hegemônico à época.

2.2 A condição da mulher no Século XIX

A mulher, no decorrer da história, cultivou o silêncio e a submissão ao sistema tradicional vigente, sob o comando masculino. As justificativas para tal comportamento são variadas e as análises partem das diversas influências presentes nessa relação social tão complexa entre homem e mulher construída com base em aspectos culturais, comportamentais, econômicos ou ideológicos, entre outros.

Na América do Norte, durante o século XIX, a mulher ainda se mantinha subordinada à tutela de um sistema patriarcal dominante, situação presente no país desde os primórdios da colonização inglesa. Segundo Stein (1984), a família, formada por um núcleo central (patriarca, mulher e filhos), tinha como autoridade maior o homem, que dirigia não só os familiares, mas também as pessoas que exerciam atividades produtivas subordinadas a ele. A organização familiar vigente nessa época contribuiu muito para a formação social do país, pois “desempenhou valioso papel regularizador e disciplinador”. (STEIN, 1984, p. 22). No entanto, esse modo de viver influenciou fortemente o desempenho dos papéis sociais dos agentes masculino e feminino, já que a posição da mulher estava em segundo plano, se comparada a do homem.

Nesse ínterim, alguns fatores foram decisivos para que a mulher ocupasse, ao longo do tempo, uma posição social subalterna, entre eles o contexto educacional, as leis vigentes, a aceitação social, a moral sexual e a própria necessidade de autoafirmação. Além disso, aliado à influência da religião, um fator primordial, permeavam as ações de um modo geral, guiando a visão ideológica sobre a mulher e contribuindo para a manutenção do patriarcalismo: a

influência de pensadores cujas obras alcançaram notoriedade no decorrer do século XIX, como Auguste Comte e Jules Michelet.

[...] os comportamentos de subordinação femininos ficam, então, emaranhados no cotidiano destas mulheres como forma 'natural' de organização de suas vidas diárias, sem que muitas delas tomem consciência deste fato. (COUTINHO, 1994, p. 39).

Nesse contexto, uma forte corrente ideológica foi representada pelo Positivismo, no século XIX, na figura de Auguste Comte, que, sintonizado com o pensamento da época, enfatiza normas de comportamento para a mulher oitocentista, preceito que logo se difunde para outros países. Originalmente, “enquanto doutrina sobre o conhecimento [...], incorporou-se a outras correntes análogas, que procuraram valorizar as ciências naturais e suas aplicações práticas” (COMTE, 1983, p. XIV).

Desse modo, partindo do princípio de que seu destino consistia em disciplinar as forças humanas, baseado na relação contínua entre o sentimento e a razão como reguladora das atividades, a situação da mulher também foi abordada na teoria positivista. Comte, mesmo valorizando o papel desempenhado pela “digna” mulher na sociedade e ressaltando seu valor, não deixou de articular o comportamento ideal esperado dessa mulher, assinalando alguns aspectos primordiais para sua conduta: “o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie. Cada digna mulher ministra habitualmente a esse culto a melhor representação do verdadeiro Grande Ser”.

De tal modo houve uma sistematização da família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz prevalecer naquela família a influência da dignidade feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal. Por todos estes títulos, a verdadeira religião será plenamente apreciada pelas mulheres, logo que elas reconhecerem suficientemente os principais caracteres que a distinguem como:

[...] aquelas mesmo que a princípio deplorarem a perda de esperanças quiméricas não tardarão em sentir a superioridade moral de nossa imortalidade subjetiva, cuja natureza é profundamente altruísta, sobre a antiga imortalidade objetiva, que não podia deixar de ser radicalmente egoísta (COMTE, 1983, p. 130).

Dessa maneira, Comte foi enfático ao tratar de algumas questões relevantes sobre o comportamento feminino frente à sociedade da época. De acordo com os preceitos positivistas, para a mulher é fundamental preservar-se e manter-se submissa ao homem, subordinando os instintos pessoais ao seu destino social, dedicando-se integralmente à família. Por fim, a pouca instrução, a função restrita ao ambiente doméstico/familiar e a constante dedicação ao marido e aos filhos, regida pela Teoria Positivista, mantêm a mulher excluída da sociedade, motivando-a a pensar que toda a base comportamental indicada por Comte, na qual se constituiria “em motivos honrosíssimos para as mulheres” (COMTE, 1983, p. 184), como forma de adaptação “ao serviço real da Humanidade, à qual pertencemos inteiramente”.

Nessa direção, o conto *The Yellow Wallpaper* resgata essa posição feminina subalterna, com enfoque na sociedade estadunidense do século XIX. Para as mulheres era reservado o espaço doméstico e a administração do lar, conforme mostra o seguinte trecho da obra, na voz da protagonista ao descrever sua cunhada, Jennie, mostrando o único valor vigente, o de ser “rainha do lar”:

“She is a perfect and enthusiastic housekeeper, and hopes for no better profession. I verily believe she thinks it is the writing which made me sick!” (p.8)²

Em outra passagem, esse compromisso da mulher no tocante ao lar também é reforçado pela heroína, nas páginas de seu diário:

“John thought it might do me good to see a little company, so we just had mother and Nellie and the children down for a week. Of course I didn't do a thing. Jennie sees to everything now.”(p.9)³,

Isso reafirma o compromisso de Jennie com os afazeres domésticos, uma vez que a protagonista não consegue cumprir o papel que os familiares e amigos esperam dela. Portanto, a função social da mulher restringia-se à família e à casa, de modo que o poder representado pela figura masculina permanecesse em sua hegemonia histórica, visto que as determinações sempre partiam de John, que monitorava a esposa também através da colaboração da irmã e esta, por sua vez, era uma mulher que dava cumprimento à ordem e as regras impostas pela cultura social tradicional.

² Ela é uma dona de casa perfeita e entusiasmada, e não deseja outra profissão melhor. Acredito, plenamente, que pensa que foi a escrita que me fez ficar doente! (tradução nossa)

³ O John pensou que talvez me fizesse bem receber algumas pessoas, de modo que a mãe, a Nellie e as crianças vieram cá passar uma semana. É claro que não fiz nada. A Jennie encarrega-se agora de tudo (tradução nossa).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos históricos, no decorrer do tempo, consideraram a visão androcêntrica de uma sociedade construída sobre práticas autoritárias e centralizadas no patriarcalismo. Entretanto, outras dimensões interpretativas buscaram espaço, questionando esse entendimento unilateral e oportunizando novas análises da realidade.

Desse modo, a partir do movimento feminista iniciado no final do século XIX e início do século XX na América do Norte e dos anos 1960, no Brasil, a mulher passou a viabilizar um entendimento do sentido latente dos eventos e fatos sociais. Na América do Norte, especialmente na literatura, com os textos de escritoras como Emily Dickinson, Virginia Woolf e outras, a escritura feminina impulsionou um processo de reflexão sobre a história silenciada e promoveu a busca por uma identidade que pesquisa Literatura e identidade feminina, as representações de gênero na literatura norte-americana buscaram investigar a representação da história da mulher no século XIX, com base em romances e contos produzidos por escritoras posteriormente taxadas feministas, a partir da década de 1880, analisando os elementos que caracterizam uma literatura engendrada e problematizam a autoridade no discurso patriarcal.

Nesse sentido, a obra *The Yellow Wallpaper*, de Charlotte Perkins Gilman, integrante do corpus da pesquisa, é muito representativa, pois promove um recontar da história da condição da mulher estadunidense do século XIX, possibilitando uma visão renovada dos eventos a partir da experiência feminina construída em meio a uma obra de ficção literária.

As relações construídas no decorrer da narrativa proporcionam um entrelaçamento de aspectos fundamentais na representação simbólica da mulher. Além disso, os conceitos de história, gênero e identidade, aliados à literatura, possibilitam a quebra do paradigma centrado no patriarcalismo, à medida que há uma apropriação da escritura e da história individual pela mulher, pois expõe ao leitor eventos através do olhar de uma mulher inserida em um espaço de lutas políticas e ideológicas.

Portanto, a expressão de visões e interpretações veladas, verificadas no conto, permite a problematização da história da condição feminina e o questionamento do discurso hegemônico patriarcal, inserindo a experiência da mulher que, por meio da escritura, viabiliza a eclosão de um 'eu' multifacetado o qual emerge em produções literárias, em que a discussão da problemática feminina está inserida em questões éticas, históricas e sociais. A própria Gilman, através da fala da protagonista/narradora da obra revela semelhante concepção na passagem que diz, "Pessoalmente, não estou de acordo com as ideias deles. Pessoalmente, acho que um trabalho de acordo com o meu modo de ser, com excitação e mudança, me faria bem. Mas que pode uma pessoa fazer? Apesar das opiniões deles, escrevi durante uns tempos." apontando que o estímulo à escrita seria uma ferramenta de transformação para a mulher.

Por fim, na obra de Gilman, a identidade feminina pode ser reinterpretada através da multiplicidade dos papéis sociais, o que justifica a visão feminina do cotidiano norte-americano do século XIX retratada pelo "O papel de parede amarelo" como possibilidade de uma construção identitária constante, pois como coloca WOOLF (2013, p. 14): Ah, mas o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas. Sendo assim, podemos concluir que não há uma resposta única e certa sobre o questionamento que motiva este estudo, e sim inúmeras possibilidades de seres femininos, e que embora a sociedade tente moldar um ideal de ser mulher, limitando seu espaço, suas atribuições, deveres e aparências, as mulheres, elas mesmas, não se deixam limitar e buscam sua individualidade e o rompimento dos padrões sociais preestabelecidos, mostrando as

múltiplas possibilidades de se fazer mulher desde épocas anteriores a obra de Gilman até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia positiva**; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**; 3ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2002. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, 249 p. Coleção Debates.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GILMAN, Charlotte Perkins. **The Yellow Wallpaper**. Boston: Small & Maynard, 1899.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JAFFE, Noemi. **Írisz**: as orquídeas: O Silêncio da Literatura Feminina. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michel e NEIS, Ignácio Antonio. **As armas do texto**: a literatura e a resistência da literatura. Porto alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, p.5-22, 1990.

_____. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23-57.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas, de Virginia Woolf**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: LPM, 2013.

ANEXO I

Justificativa da autora:**Why I Wrote *The Yellow Wallpaper***

By Charlotte Perkins Gilman

First published in the October, 1913 issue of *The Forerunner*

Many and many a reader has asked that. When the story first came out, in the *New England Magazine* about 1891, a Boston physician made protest in *The Transcript*. Such a story ought not to be written, he said; it was enough to drive anyone mad to read it.

Another physician, in Kansas I think, wrote to say that it was the best description of incipient insanity he had ever seen, and – begging my pardon – had I been there?

Now the story of the story is this: For many years I suffered from a severe and continuous nervous breakdown tending to melancholia – and beyond. During about the third year of this trouble I went, in devout faith and some faint stir of hope, to a noted specialist in nervous diseases, the best known in the country. This wise man put me to bed and applied the rest cure, to which a still-good physique responded so promptly that he concluded there was nothing much the matter with me, and sent me home with solemn advice to "live as domestic a life as far as possible," to "have but two hours' intellectual life a day," and "never to touch pen, brush, or pencil again" as long as I lived. This was in 1887.

I went home and obeyed those directions for some three months, and came so near the borderline of utter mental ruin that I could see over. Then, using the remnants of intelligence that remained, and helped by a wise friend, I cast the noted specialist's advice to the winds and went to work again – work, the normal life of every human being; work, in which is joy and growth and service, without which one is a pauper and a parasite – ultimately recovering some measure of power.

Being naturally moved to rejoicing by this narrow escape, I wrote "The Yellow Wallpaper," with its embellishments and additions, to carry out the ideal (I never had hallucinations or objections to my mural decorations) and sent a copy to the physician who so nearly drove me mad. He never acknowledged it.

The little book is valued by alienists and as a good specimen of one kind of literature. It has, to my knowledge, saved one woman from a similar fate – so terrifying her family that they let her out into normal activity and she recovered.

But the best result is this. Many years later I was told that the great specialist had admitted to friends of his that he had altered his treatment of neurasthenia since reading “The Yellow Wallpaper.”

It was not intended to drive people crazy, but to save people from being driven crazy, and it worked.

(Fonte: <https://csivc.csi.cuny.edu/history/files/lavender/whyyw.html>)



Charlotte Perkins Gilman

(Fonte: <http://writersatwork.pfauth.com/page/8>)

Volume 1. No. 1.

NOVEMBER 1909

THE FORERUNNER

BY

Charlotte Perkins Gilman.



The Forerunner (Fonte: <http://www.sffaudio.com/the-sffaudio-podcast-243-readalong-herland-by-charlotte-perkins-gilman/>)

AGRADECIMENTOS

O começo, o meio e o fim de uma pesquisa científica requer um longo tempo. Um tempo de muitos envolvimento, partilhas e complicações. Cada uma dessas etapas compõe um momento em que surgem novas demandas, novas necessidades, e novos colaboradores diretos ou indiretos se somam. Também é verdade que há aqueles que se desdobram no partilhar de todas as etapas. Nestas, o nível de responsabilidade de não deixar ninguém de fora dos meus mais sinceros agradecimentos é maior. O risco de cometer injustiças é muito grande. Mas, antecipo aqui as minhas desculpas.

Do ponto de partida ao último momento, participando em cada etapa da minha vida, agradeço aos meus familiares. Aos meus pais, Aguinaldo Gomes e Maria das Neves, que me incentivaram e me inspiraram durante toda vida e que são meus exemplos de determinação e coragem para conquistar sonhos mediante obstáculos. À minha irmã, Valesca Rocha Silva, companheira de uma vida, que sempre me impulsionou a crescer, e também à sua família, meus sobrinhos Gustavo e Maria Heloísa.

Aos meus bens mais preciosos, que me inspiraram durante toda a produção textual, minhas filhas Aline Surama e Beatriz Surama, que são fonte de todos os meus sonhos e ambições. Vocês são o motivo de meu sucesso profissional e pessoal.

Com muita estima agradeço a todos os professores do Curso de Letras – Língua Inglesa da UEPB, que contribuíram na minha formação enquanto Letrólogo e que me fizeram crescer através das leituras de textos e discussões teóricas, à Christinne Ferreira, Karyne Soares, Marta Furtado, Kaline Brasil, Rhaguram Sasikala (nossa Sashi), Vitória Lima, Tiago Silva, Marília Cacho, Daniela Gomes e demais professores do Departamento de Educação.

E, logicamente, vêm os amigos da graduação, àqueles que começaram comigo o curso de Letras-Língua Inglesa no período 2010.1, à Aécio de Brito, Josehyres Kleber, José Robson, Maria da Conceição Vidal, Isaura Pereira, Abda Catão, Alan Tolentino, Bruno Maiorquino, que me acompanharam desde o início da graduação e que me proporcionaram momentos memoráveis de grandes alegrias, também desse período, agradeço a André Aparecido de Medeiros, meu amigo real, que me honrou com sua presença em minha vida acadêmica e pessoal, tanto como colega de turma, como parceiro nas disciplinas de Estágio Supervisionado e ainda mais como companheiro.

Continuando meus agradecimentos aos amigos, sem desprezar os demais colegas, destaco alguns amigos que considero indispensáveis nesse reconhecimento, à Gioberlândia P. De Andrade, Marianna Lima, Daniela Barbosa, Andreza Silva, Vandeson Pascoal, Diego Rodrigo, Isis Aluska dos Santos que me auxiliaram e muito, no processo de produção textual, muitos vindo até minha residência para ajudar-me na organização deste artigo, me cedendo livros, apostilas e textos, e aos demais incentivando-me durante a pesquisa, vocês foram as melhores aquisições durante minha vida acadêmica.

Aos queridos amigos, que embora não fazendo parte do universo acadêmico, foram vitais na minha formação pessoal, cuidando inclusive dos meus afazeres maternos, como Eunice Limeira e Maria Marluce, que muito me ajudaram nos momentos em que necessitei de apoio.

No limite da minha pesquisa, agradeço também aos professores que fizeram parte da banca examinadora, por aceitar participar da etapa final de minha graduação, aos Professores

Mestres, Celso José de Lima Júnior e Catarina de Senna de Almeida Borba Eloy Dantas. E, em especial, a Professora Mestra Iá Niani Belo Maia, que aceitou ser orientadora em meu artigo, e que foi fundamental para que eu pudesse concluir meu trabalho acadêmico.

Enfim, sou muito grata a todos, familiares, amigos, professores e colegas do meio acadêmico, que acreditaram sempre na seriedade de minha pesquisa, e que me prestaram assistência de alguma forma durante a minha graduação no curso de Letras – Língua Inglesa.